

A UNIÃO

REVISTA LITTERARIA E NOTICIOSA.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para a Capital. . . 4\$000

Pagamento adiantado.

REDACTORES :

Os alumnos do Collegio do SS. Salvador.

Publica-se nos dias 1.º e 15 de cada mez.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para fóra da Capital . . . 4\$500

Pagamento adiantado

Anno I.

Besterro, 1 de Março de 1868.

N. 5.

Parte litteraria

CONSIDERAÇÕES.

Sobre os estudos da mocidade.

Pelo

CARDEAL J. S. GERDIL.

Continuação do n. anterior.

A capacidade da intelligencia humana cresce a medida da clareza e distincção das idéas e da facilidade que ganha a mente, em achar as idéas particulares, que servem de meio para conhecer a conveniência ou desconveniência d'aquellas que não podem-se comparar immediatamente. Não ha duvida que para conseguir uma tão apreciavel clareza e facilidade, muito contribue um longo e continuado exercicio de methodicas reflexões, sobre os differentes objectos dos conhecimentos humanos. Portanto não se deve reprovar geralmente como se fossem inúteis, tantos estudos de especulação, nos quaes forma-se o habito de generalisar as idéas, de reduzir os casos particulares aos seus principios determinantes, e de fazer dos principios geraes uma boa e conveniente applicação aos casos particulares. Querer que as contemplações e as investigações philosophicas, tenham por fim unico ou principal, melhorar as commodidades da vida me parece uma maneira de pensar demasiadamente baixa e interessada. Não posso entender como quem conhece e sente ser dotado de intelligencia, appareça mais sensível e dê maior applauso a invenção de uma nova commodidade da vida, do que a um novo raio de verdade. Bem dizia Fontenelle, que não somente o corpo mas tambem o espirito humano, tem as suas precisões e por isso uma verdade que satisfaça a intelligencia deve apreciar-se por si mesma, como não menos util do que aquellas invenções, q' multiplicando de mais as commodidades da vida, vão ao mesmo tempo multiplicando as novas precisões, fontes de novas misérias e enfraquecem as forças do animo a medida que accrescentão sua molleza. Quanto mais nobremente pensou Bacon, reflectindo q' ainda q' a luz sirva para mil usos da vida, comtudo entre estes todos não ha uso mais precioso e de leitavel, do que a mesma vista da luz: assim a

contemplanção da verdade, é por si mesma de maior dignidade, do que todas as invenções, que servem para as commodidades da vida. Nem Galiléo nem Newton julgavão tão baixamente, quando adejarão aquellas altissimas contemplações, de que procederão nobilissimas descobertas, com augmento das sciencias e perfeição de muitas artes, para beneficio universal da sociedade humana. Para avistar os objectos que estão na superficie terrestre e marcar a posição e a distancia d'elles, pouco aproveita abaixar a cabeça para terra, mais vale deixar a terra e subir para ao alto, afim de que os olhos possam com franca vista, observal-os juntamente todos e depois divisa-los seguramente e confrontal-os. Ao ler a proza de Tasso, conhece-se quão grande foi o estudo a que elle se applicara, e quanto tinha-se exercitado nas mais abstrusas doutrinas dos antigos philosophos. Ora ainda que as idéas Platonicas não tenham relação alguma directa e immediata com a *construcção da Jerusalem libertada*, com tudo o vigor do animo que ganhou com o seu estudo e com a meditação d'essas antigas doutrinas, cooperou muito para aquella sublimidade de pensamentos e poderoso alento que precisava para inventar, dispôr, e trazer ao fim o maravilhoso enredo do seu immortal poema.

Juigo não errar afirmando, que uma das razões da luctuosa decadencia dos estudos, foi a introduccão dos methodos compendiosos de ensino, para facilitar aos moços a acquisição das sciencias. Com isto lisonjea-se muito a ambiciosa e impaciente vaidade de muitos pais, mui desejosos de ver depois de um breve curso de estudos, ornados da laurea de doutor os seus filhos. Costuma-se dizer e tambem é verdade que não pode-se querer que um moço fique douto no curso das aulas. Mas tambem é verdade, que por meio de compendios, poderá um alumno adquirir bastantes noticias superficiaes de muitas sciencias, porém não terá apprendido a arte de sahir douto em nenhuma d'ellas. Aquellas destacadas noticias que vão de alguma maneira fixando-se na memoria, são como uma côr postica, que espalha nas faces uma apparencia enganadora de saude, ao passo que aquellas que são fructo de bem ordenado estudo e exercicio podem-se comparar aquella vivaz e florida côr, que ganha-se mediante um uso mo-

derado de gymnastica, que pelo interno habito de um corpo são e bem disposto, transmite-se ao semblante.

(Continua.)

O Riso.

Observou-se que nenhum animal irracional apparecesse risonho, que o riso é somente proprio do homem, e por consequencia é um attributo da intelligencia. O riso parece ser effeito de duas sensações unidas i. e. *sorpreza* e *prazer*, as quaes são provocadas por ligeiros contrastes, e sublis analogias. A impressão causada em nosso animo por um novo ou não esperado objecto, chama-se surpresa.

A surpresa é maior quando o objecto, apparecido ou o factio succedido é contrario ao que geralmente acontece. Segue-se daqui que a surpresa é maxima, quando é maximo o contraste entre o factio acontecido, e a nossa expectação. Depois disto.

I. que no riso tenha lugar a surpresa, ficará evidenciado pelos seguintes factos mais communs. 1.º Mas frequentemente riem-se os ignorantes, que os homens instruidos. 2.º Quando o obtuso dá as suas risadas, o sabio apenas sorri, pois que o sabio descobre immediatamente as ideias intermedias que unem a ordem habitual das couzas, ao factio acontecido inesperadamente. 3.º De muitos factos o sabio apresenta-se risonho e o obtuso não. Isto acontece quando o contraste não espessa-se bem manifesto, mas esconde-se sob relações de finissimas ideias. 4.º As pessoas facetas dizem e sabem achar couzas que movem o riso aos outros, sem ellas rirem-se; porque veem o no que une e as ideias que na apparencia formão o contraste, e sabem esconde-lo. 5.º o riso provocado por uma jocosidade ouvida pela primeira vez; é muito menor na segunda e depois nullo, pois que o que é conhecido não causa surpresa.

II. Porem para o riso não é bastante uma qualquer surpresa, preciso é tambem a união de uma sensação de prazer.

Com effeito 1.º rimo-nos lembrando-nos das nossas passadas extravagancias, quando não tenha annexa a idéa da deshonra, porq' esta lembrança faz sobresahir o sentimento de nossa sudeza actual, e de alguma maneira lhe accrescenta o merito. 2.º rimo-nos ouvindo tolices dos outros o que facilmente origina do amor proprio. 3.º rimo-nos das desditas de nossos inimigos, quando não são tão graves a excitar a nossa compaixão. 4.º os mofadores riem-se em escarnecer este ou aquelle, pelo proprio orgulho que lhe apraz do desprezo dos seus semelhantes. 5.º rimo-nos em descobrir semelhanças entre objectos que julgavamos não contar alguma, como rimo-nos geralmente ouvindo xistes engenhosos. Primeiramente porque o exercicio facil de nossa intelligencia, na pronta passagem de uma idéa para outra, as referencias remotas das quaes não são bem dis-

tinctas e bem claras, é cousa por sua natureza a-prazível como é a-prazível um moderado passeio, o respirar novo ar, o apparecimento da luz nas trevas e cousas semelhantes. Em segundo lugar, porque aquelle conhecimento é para nós argumento de nossa sagacidade que soube colher um elemento que repugnando á analyse, escondia-se á vista commum:

III. Afim de que a surpresa e praser causem riso, querem ser produzidos; ou por leves contrastes ou por finissimas analogias. Eis aqui alguns exemplos.

1.º Vendo um bonito painel, ouvindo uma bonita musica neste caso experimentamos surpresa e prazer, porem não rimo-nos. 2.º da mesma maneira vendo um selvagem animal nunca visto, como o grande macaco chamado ourang-outango. Mas se o tal macaco se apresenta com uma carapuça na cabeça, não podeis conter o riso, neste caso ha contraste.

Nem todos os contrastes fazem rir, mas somente os leves, e aquelles que excluem a compaixão e o horror. A queda n'um fosso de um q' jacta-se sabel-o saltar, provoca o riso, porem se o tal sujeito destronca uma perna, o riso comprime-se pela compaixão. Dizer como Aristoteles que o riso é originado por uma deformidade sem dor, é um restringir demasiadamente o campo do ridiculo.

ROMANCE

A TROCA.

III.

Continuação.

Os nossos viajantes emfim pela tarde avistaram a cidade de Sonka; era ella composta (como todas as que edificam os negros na costa occidental da Africa) de 200 a 300 casas espalhadas sem ordem; e cada uma comprehendia varios *kombets* ou choupanas orbiculares fabricadas de cannas e barro vermelho.

Dupla estacada circumdava a cidade e a defendia contra as feras bravias e incursões de inimigos.

Os aventureiros já tocavão os *lugans*. (1) indicio este de estarem proximos á cidade, quando u na nuvem de poeira fel-os voltar os olhos para o lugar d'onde ella vinha; era o Serakik ou rei do paiz que voltava a Sonka com toda a sua cõrté.

Elle e as principaes dignidades montavam vigorosos cavallos.

Trajava o Serakik roupão escarlata, guarnecido de caudas de elephante; e um barrete finissimo de vime, ornado com chifres de veado e diversos dentes de animaes, o que, indicava ser elle grande caçador. Atraz vinham as mulheres do rei em liteiras carregadas por camêlos. Mais atraz então vinha o resto da cõrté, uns montados em burros, outros em bois, e alguns nos hombros dos escravos que os fasiam galopar em seguida da caravana.

Apenas os officiaes que precediam o Serakik, avistaram os dous francezes, lançaram-se para elles agitando as *sagaias*.

Miguel e Etienne que conheciam o uso do paiz, foram ao seu encontro com as pistolas, uma em cada mão.

(1) Campos cultivados.

Os negros a esta vista paratam e então Rion lhes disse que vinha visitar o Serakik.

Immediatamente os conduziram a presença d'este que os recebeu com affabilidade, perguntando-lhes si traziam bellas mercadorias d'Europa.

Miguel respondeu que elle as poderia julgar pelo presente que lhe destinavam. O rosto do Serakik se illuminou a estas palavras; convidou-os a tomarem parte no cortejo e continuou o caminho para Sonka.

Foram elles seguindo a corte até a morada do rei; era um semi-circulo bastante vasto cercado de palmeiras, no qual havia como umas 50 casas de moradia da corte.

Uma d'ellas foi posta a disposição dos nossos trocadores; era um *kombet* redondo, sem janellas, tendo apenas alguns passos de diametro; a porta era tão baixa que ninguem podia entrar por ella sem abaixar-se.

A mobilia compunha-se, conforme o uso, de um pequeno armario, uma esteira de cabello estendida sobre quatro estacas formando um leito, alguns pratos de pão, cabaças e um almofariz de pão de *kamiay* para socar o milho.

Já se havia annuciado a chegada do Serakik e tudo se achava prompto para -ua recepção.

Suspensas aos ramos das arvores se viam cabaça cheias de vinho de palmeira.

Ao redor das arvores cestas de *ghelola* (2) com laranjas, ananáses, limões e outras fructas oriundas d'esta uberosa região.

As mulheres nas portas dos *kombets* occupavão-se: umas em esmagar o fructo das palmeiras para fazer manteiga; outras em panejar e socar o milho destinado ao *sanglet nacional*, enquanto algumas outras preparavam a limonada de mel e tamarinho.

Não tardaram a virem procurar os marinheiros da parte do Serakik que os esperava cercado de sua corte mascando nozes de *kolla*.

Se dá este nome a um fructo, do tamanho de uma castanha, que vem do interior da Africa.

Pretendem os negros que esta fortifica os dentes e que depois de a haver mascado se acha a agua com o sabor do vinho.

A nós de *kolla* na Africa tem o mesmo valor que o ouro.

O Serakik deu algumas aos trocadores, os quaes o presentearam com facas, missangas e alguns assobios.

Em seguida forão vesitar a rainha e lhe offerecerão uma dusia de guisos com os quaes ella logo se preparou.

Essa mulher era ainda moça; de olhar vivo e penetrante, em sua tez larga e tão negra como o ebano imperava a intelligencia, e resolução.

Ella interrogou aos dous franceses sobre o fim de sua viagem, e lhes fallou dos obstaculos com que teriam de lutar.

Depois de reflectir um instante:

— Julgo, disse ella que o Serakik vos pôde diminuir os perigos.

— Fazendo-nos a acompanhar? perguntou Miguel:

— Não pois uma escolta não poderia passar alem das fronteiras.

Immediatamente chamou um dos officiaes do Serakik, e lhe deu uma ordem que os trocadores não poderam comprehender.

O official inclinou-se e sahio, voltando pouco depois com um pequeno ramo de *komo* enleiado em tiras de couro pintadas de encarnado.

— Tomai este *bordão de Estado*, disse a Rainha,

(2) Especie de vime.

elle vos servirá de salvo—conducto entre todos os alliados do Serakik, escondei-o somente aos seus inimigos, para que elles não vos imputem por crime a sua protecção.

Successivamente nomeou ella todos os chefes dos paizes vizinhos e lhes designou os que deviam procurar ou evitar e os enviou acompanhados de varios escravos com pratos de *kuskus*, e cabaças cheias de vinho de palmeira.

Logo que acabaram a collação, receberam um convite do Serakik, para assistirem n'essa mesma tarde a um folgar (3) dado em sua honra.

Rion e Loriol acharam toda a tribu agrupada no semi circulo real.

Uma multidão de Guiriots (4) cercava o Serakik. Uns tocavam em marimbas de pão, outros assobiavam em flautinhas de cannã, outros enfim em enormes trombetas formadas de um só dente de elephante.

O chefe dos guiriots contava em altas vezes os feitos do Serakik.

Quando elle acabou este lançou-lhe sobre os hombros o manto regio.

Os convidados que até ahi estavam em pé, assentaram de modo a formar uma grande roda no meio da qual se deviam executar as danças.

Os sons do *balaffo* resoaram.

Era o signal de principiar o festejo.

Este instrumento o mais curioso e estimado de todos que os negros tem inventado é um uma especie de orgão composto de uma fileira de cabaças progressivamente mais pequenas. Um guirió fere a tecla com varinhas agitando duas correntes suspensas aos punhos.

A principio vierão as dançarinas cujo passo cadente e grave excitou por varias vezes os applausos dos circumstantes.

(Continúa.)

Parte noticiosa.

Lê-se no *Correio dos Estados-Unidos*:

Dous irmãos, John e William Hardy juntamente moravão em Warhampton, no Mesouri. Querendo John comprar um cavallo e uma carruagem pediu a seu irmão que ficasse como fiador delle. William recusou-se a isto: John tomado então por acesso de ira, disparou-lhe dous tiros de pistolla; instantaneamente cahio morto. Foi entretanto contestado que não fôra ferido. As duas ballas tinham-se cravado na parede sem tocarem-no. E' provavel porém que William padecia do coração e a emoção que soffrera naquelle ponto causou-lhe a morte.

— Vêmos no *Jornal de Napoles* de 14 de Janeiro o seguinte:

« Depois de 24 horas, a affluencia dos curiosos ao Vesuvio é mui consideravel que os dias anteriores. Os que o visitão preparão-se como para um dia de festa. A lava desce lenta e superbamente.

A guarda nacional de Resina collocou um posto á meio caminho para prevenir as desordens. Em Resina muitas pessoas passeavão de noite na rua para offerecerem-se como guias aos visitantes. Os Romanos e Ingleses são, sobretudo, os que mais affluem ao vesuvio.

O professor Palmieri, acompanhado do il-

(3) Festejo.

(4) Bardos negros.

lustre naturalista Arconati e mais de 300 estudantes da Universidade fizeram um giro dando explicações e fazendo seu curso em quanto caminhavam.

Estatística da Cruz-Alta.

(Comarca do Rio Grande do Sul.)

Amigo nosso residente n'esta villa, obsequiou-nos com a estatística exacta da mesma, que transcrevemos em seguida.

A população total é de 20,381 almas, sendo 9,928 homens e 10,453 mulheres; destes são 11,675 livres e 2,706 escravos.

Neste numero se encontram 236 individuos de 70 á 80 annos, 85 de 80 á 90, 5 de 90, 3 de 93, 3 de 94, 2 de 95, 3 de 96, 1 de 97, 2 de 98, José Antonio Lopes de Toledo com 101; Claro Alves de Moraes com 103, Francisco Leite de Anhaia com 104, João José de Moraes com 121, e Manoel Pereira Soares com 126.

Ha pouco mais de um anno falleceu um fulano Silva com 130 annos de idade!

(Do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre.)

Do uso do chá.

Os consumidores d'esta bebida, em geral não empregão bastante attenção na qualidade de que fazem uso, ignorando talvez, quanto é prejudicial e nociva a influencia de um máo chá.

Quiza pareça indifferente o emprego do chá preto ou do verde, porem, é engano.—E eis em apoio desta asserção, o parecer de um dos professores da faculdade de Paris:

«O chá verde occasiona a agitações caracterizadas, por amudados bocejos, irritações nervosas, picadas na região gastrica, palpitações do coração e frequentes tremores por todo o corpo; passados esses primeiros symptomas se faz sentir então uma notavel fraqueza e muitas vezes prostracção de forças»

«A infusão do chá preto produz pelo contrario uma sensivel mostra de bem estar, uma boa disposição para os trabalhos tanto do espirito como do corpo, e uma distribuição mais regular do calor animal. A infusão do chá preto tem, alem disso, a vantagem de não deixar fraquesa ou doença.»

Variedades.

O remedio dos mortos.

David Beck foi um retractista sueco, e dos mais afamados discipulos de Van-Dick. Viado de sua patria atravessava a Allemanha; eis que de repente adoeceu em uma estalagem; dentro em pouco ficou como morto e o amortalham crendo todas que é um cadaver.

Os seus criados, sentados á roda da cama, choram como perdidos, e pouco depois para se consolarem começam a beber desesperadamente.

Por fim, um delles que estava já bastante avinagrado, disse para os companheiros: «Nosso amo em sua vida era amigo do copo: em signal de gratidão, demoslhe agora um trago depois da morto.

—Approvando a lembrança o resto dos criados, elle ergueu a cabeça do defunto e procurou introduzir-

lhe na boca algumas gotas de vinho. Ou fosse a fragancia da bebida, ou fosse porque com effeito elle engulise algumas pingas do liquido, o certo é que Beck abriu os olhos. O criado que estava já embriagado no ultimo ponto, esquecendo-se de que seu amo era um defunto, fez-lhe beber todo o copo. O pintor se reanimou gradualmente, e sendo tratado com todo cuidado se restabeleceu inteiramente, e assim escapou de ser enterrado vivo.

O caso fora que havendo Beck saído da suecia contra a vontade da rainha Christina, esta o tinha mandado envenenar; mas não surtindo desta vez effeito o veneno, elle morreu d'ahi a pouco na Haya, provavelmente pela mesma causa tendo apenas 33 annos.—

Pilkington. DICCION. DOS PINTORES.

Etymologia do mez de Janeiro.

Janeiro começou a occupar o lugar de primeiro mez do anno, quando Numa Pompilio, segundo rei de Roma, o acrescentou, e Fevereiro, ao calendario, ou anno de Romulo, fundador d'aquella cidade. Antes disso os Romanos contavam só dez mezes começando por Março, dedicado a Marte sua divindade tutelar; e d'aqui vem serem os nomes de Setembro, e dos restantes até Dezembro, referidos aos numeros 7, 8, 9 e 10. Janeiro deriva do latim *Januarius*, palavra que tambem gerou um nome proprio de homem; foi assim chamado em honra de Jano, nume a quem tributavam os pagãos grandissima veneração, reputando-o pelo mais sabedor tanto das couzas passadas, como dos successos futuros; e por essa razão o esculpiam com dous rostos oppostos um ao outro denotando estes dous attributos.

Etymologia de Fevereiro.

O nome deste mez (em latim *Februarius*) deriva das festas *februas*, que os romanos celebravam por esse tempo em honra de Juno, invocada sob o nome de *Februa* ou deusa das purificações. Immolavam então muitas victimas em sacrificios expiatorios.

Neste mesmo mez rendiam tambem culto a Plutão, e a outros numes, como Termino ou Termo divindade tutelar dos marcos ou balizas dos campos etc.

Etymologia de Março.

Quando Romulo estabeleceu o calendario para a sua recém-fundada cidade dividiu o anno em dez mezes e chamou ao primeiro *Martius* de Marte, nume da guerra, de quem se intitulava filho. O seu successor, Numa Pompilio, acrescentou os mezes de Janeiro e Fevereiro, e deixando Março em Terceiro lugar, tirou-lhe a honra de capitanear o anno.

Março apezar da origem do seu nome, era especialmente consagrado a Minerva; e nas calendas deste mez celebrava o paganismo muito das suas ceremonias pela primeira vez no anno; nomeadamente o accender o novo fogo no altar de Vesta.

No entanto os romanos o reputavam sinistro para a celebração dos matrimonios.

Typ. de J. A. do Livramento.